

MÚSICA E ARTES PLÁSTICAS

Na área de música, um destaque recente é o projeto temático *MóBILE*, concluído no ano passado e coordenado pelo professor Fernando Iazzetta. A ideia foi reunir pesquisadores das áreas de música, artes visuais, artes cênicas, ciência da computação e engenharias para o desenvolvimento de novos processos musicais centrados na interação entre esses vários setores aparentemente desconectados. Em especial, o projeto buscou questionar o fetiche da tecnologia, após os modelos iniciais de experimentalismo focados nos estúdios e nos equipamentos de ponta. “Muitas vezes, muita tecnologia pode até atrapalhar(...) A articulação mais complexa tem que ser o pensamento artístico e não a engenharia”, disse Iazzetta em entrevista à *Pesquisa FAPESP*. Os pesquisadores de *MóBILE* fizeram uma turnê internacional que exibiu os resultados do projeto. O espetáculo era composto por seis cenas em que se misturavam obras “tradicionais”, com instrumentos e partituras, outras que usavam improvisação e três baseadas nas buscas pela interação entre música, tecnologia e outras artes.

Já no campo das artes plásticas, um dos destaques da ECA é o trabalho da professora Regina Silveira, hoje aposentada. Artista plástica intermídia, seu trabalho circula por meios artísticos diversos, da fotografia à pintura, passando pela arte postal e pela intervenção sobre a arquitetura das cidades. Nos anos 1960, estudou pintura com Iberê Camargo em Porto Alegre. Na década de 1980, como parte de seu projeto de doutorado em artes na USP, produziu a série de gravuras e desenhos *Anamorfias*, sobre as distorções da perspectiva. “Pode parecer paradoxal, mas ser da academia e ser uma artista transgressora não foram para mim termos (ou atitudes) incompatíveis, em qualquer momento”, disse Regina em 2010. “A academia, pelo contrário, foi um bom ‘nicho’ para exercer minha liberdade de experimentar e transgredir. Em primeiro lugar, pude produzir muitas obras e projetos que foram realmente novos e experimentais, graças ao respaldo de bolsas de pesquisa, obtidas de órgãos de fomento à pesquisa, como a FAPESP e o CNPq. Eu não teria tido a chance de arriscar, como fiz, se essas obras precisassem entrar nos canais do mercado de arte que, pelo menos no período, era incipiente e conservador”, disse. ■



ARQUITETURA

Progressista e social

Vilanova Artigas e Mendes da Rocha promoveram a ideia de que as cidades devem ser mais humanas e acessíveis

João Batista Vilanova Artigas e Paulo Mendes da Rocha foram professores da FAU-USP e defensores de uma arquitetura progressista, socialmente responsável e que deixou uma agenda de país. Artigas é considerado a figura central da chamada “arquitetura paulista”, que floresceu nos conturbados anos 1960 e 1970. Foi responsável pelo simbólico prédio da FAU, construído como um edifício que não pode ser fechado e promove o convívio entre as pessoas. “Você fica contaminado pela forma e quem estuda ali não faz uma arquitetura tacaña, mesquinha”, afirma o professor Alvaro Puntoni, que trabalhou na Fundação Vilanova Artigas. O “mestre” de Puntoni foi formador de uma maneira única e humanista de ensinar a disciplina, baseada no princípio de “convocar os saberes necessários (filosóficos e tecnológicos) e com uma ideia muito clara de generosidade e compartilhamento desse conhecimento com as novas gerações”. Já Mendes da Rocha, um

dos continuadores mais reconhecidos da obra de Artigas, foi o segundo brasileiro a ganhar o Prêmio Pritzker, em 2006, o mais importante da arquitetura mundial – o primeiro foi Oscar Niemeyer. A premiação serviu de reconhecimento da importância da arquitetura paulista, que valoriza mais uma construção inteligente e menos as formas exuberantes. O professor Milton Braga, também da FAU, já trabalhou em parceria com Mendes da Rocha em projetos que vão do corredor Rebouças, em 1995, até o prédio em construção do Sesc 24 de Maio, no centro histórico de São Paulo. “Ele sempre teve uma preocupação com a construção técnica do país. Se, no século XX, havia a desorganização regional, no XXI a agenda persiste com foco nas grandes cidades”, explica. Em outras palavras, os ensinamentos de “mestres” como Artigas e Mendes da Rocha deixaram para as gerações seguintes a lição de que não basta construir casas, mas equipar as cidades de transporte adequado, calçadas acessíveis e um belo ambiente urbano que permita desenvolver cidades mais humanas. ■